

Religião, educação e ética.

Palestra no Congresso da SOTER 2015.

Gilbraz Aragão¹

Qual é o lugar da religião no mundo? Seus símbolos devem ser interpretados para ampliar a nossa visão sobre a realidade e religar todo conhecimento para além da dualidade entre sujeito e objeto, em vista de um envolvimento cuidadoso com os outros como se fossem parte de uma mesma e única história da gente. Vou falar, mais como teólogo, sobre essas relações entre educação e ética aqui neste congresso de estudos da religião. Digo como teólogo porque entendo que as ciências da religião e as teologias desenvolvem aproximações diferenciadas e complementares, pois os teólogos reconhecem que, sem as ciências, sua reflexão encerra-se muitas vezes em mundos eclesiásticos subjetivos e herméticos; enquanto os cientistas da religião, sem o acesso à fé que busca se compreender nas teologias de cada tradição religiosa ou espiritual, entendem que podem resvalar em exercícios arrogantes das ciências modernas sobre a área humana, por sua objetivação asséptica que busca apenas explicar fenômenos – ao invés de também salvá-los, de vez que agora sabemos que somos parte envolvida e interessada.

Então, as descrições por vezes sombrias que foram desenvolvidas pelos cientistas da religião neste encontro sobre religiosidade no espaço público contemporâneo, apontando para um outono da dimensão espiritual, ao menos daquela mais humanizante, em um mundo secular que se globaliza, precisam agora inspirar atitudes teológicas prospectivas e iluminadoras em termos de reeducação científica das religiões e de educação social pela espiritualidade. Para criar uma ambientação dessa minha fala, na direção de uma teologia universal e transreligiosa que busca terapeutizar experiências de fé e espiritualizar as relações sociais, recorro a uma imagem e a dois colunistas: a atriz Viviany Beleboni simulou uma crucificação na Parada Gay de São Paulo, foi demonizada por deputados e desprezada por religiosos como uma profanadora - crítica que não se faz aos bancos, por exemplo, que exploram os pobres mas dependuram crucifixos nas suas agências. Muitos caíram na defesa da cruz como símbolo sagrado - esquecendo que o corpo humano

¹ Doutor em teologia. Professor e pesquisador na área de estudos da religião na UNICAP. E-mail: gilbraz@unicap.br.

(também dos transexuais, ainda mais se humilhados) é, desde o Gênesis e no testemunho de Jesus (João 2, 13 – 21), a melhor imagem de Deus para o judeu-cristianismo.

Porém, um humorista e um filósofo saíram em defesa da moça e atacaram de teólogos nas suas colunas da Folha² de 22 de junho:

“Querido pastor, Aqui quem fala é Jesus (disse o Duvivier). Não costumo falar assim, diretamente -mas é que você não tem entendido minhas indiretas. (...) Analisando a sua conta bancária, percebo que o senhor talvez não esteja familiarizado com um camelo ou com o buraco de uma agulha. Vou esclarecer a metáfora. Um camelo é 3.000 vezes maior do que o buraco de uma agulha. Sou mais socialista que Marx, Engels e Bakunin - esse bando de esquerda-caviar. Sou da esquerda-roots, esquerda-pé-no-chão, esquerda-mujica. Distribuo pão e multiplico peixe -só depois é que ensino a pescar. Se não quiser ler o livro, não tem problema. Basta olhar as imagens. Passei a vida descalço, pastor. Nunca fiz a barba. Eu abraçava leproso. E na época não existia álcool gel. Fui crucificado com ladrões e disse, com todas as letras (Mateus, Lucas, todos estão de prova), que eles também iriam para o paraíso. Você acha mesmo que eu seria a favor da redução da maioria penal? Soube que vocês estão me esperando voltar à terra. Más notícias, pastor. Já voltei algumas vezes. Vocês é que não perceberam. Na Idade Média, voltei prostituta e cristãos me queimaram. Depois voltei negro e fui escravizado - os mesmos cristãos afirmavam que eu não tinha alma. Recentemente voltei transexual e morri espancado. Peço, por favor, que preste mais atenção à sua volta. Uma dica: olha para baixo. Agora mesmo, devo estar apanhando -de gente que segue o senhor.” (Gregório Duvivier. Ator e escritor, um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos).

“... Vamos esclarecer uma coisa (disse o Pondé). O judeu Jesus (mais tarde chamado Jesus Cristo) descende do profetismo hebraico. Esta corrente do Velho Testamento (a Bíblia Hebraica ou "Tanach", como falam os Judeus) se constitui em dura crítica social e política ao poder constituído. Esta crítica se sustenta na ética do Deus israelita, pautada pela busca de justiça contra os ídólatras do poder dos reis, dos ricos e dos falsos deuses (os ídolos, daí, a idolatria). Neste sentido, o significado da "libertação" é se colocar ao lado de todos que sofrem com o peso do poder do mundo a serviço da injustiça. A transexual apenas situou sua condição como sendo vítima do ódio do mundo a ela e aos iguais a ela. Fez teologia performática, e, com isso, deu um banho em muita gente com PhD que discute o sexo dos anjos por aí. Entendo que os evangélicos e cristãos em geral se ofendam. Mas acho que a reação de orar no Congresso Nacional não cabe num estado laico. (...) Eu, pessoalmente, além de entender a proposta teológica dela, e achar que ela

² Trechos de Colunas publicadas na Folha de São Paulo de 22 de junho de 2015, com imagem do aludido episódio veiculada na mesma edição do Jornal.

cabe num debate teológico consistente, achei a imagem de um erotismo selvagem. Sade ficaria de boca aberta. Nietzsche ficaria com tesão. A beleza da crucificada, associada à agonia do seu rosto, põe em diálogo três dimensões vulcânicas do ser humano: o sexo, o medo e a dor. Não vi só Cristo ali. Vi uma deusa em agonia. Essa linda vale uma missa.” (Felipe Pondé. Filósofo e ensaísta, professor de Ciências da Religião).



1. Sobre ótica e ética.

“... Ao falar em teologia não estou pensando em confissões de fé nem em doutrinas mas no sagrado selvagem, no sentimento oceânico, em tudo que vem daquelas camadas profundas do nosso ser que Joseph Campbell chama de zona mitogenética primordial (...), pensando naquela prisca theologia que está no transfundo cultural de todos os povos e de todas as tradições, sejam europeias, orientais, indígenas, africanas. Por que então não pedir a bênção a Zeus e a todos os deuses e deusas do Olimpo, Afrodite nascendo das espumas do mar da Jônia, Atena de olhos verdes protegendo Telêmaco na Odisseia? Por que não pedir a bênção de Javé, Jesus, Shiva, Krishna, Mohamed, Iemanjá, Tupã, Xangô, Oxalá, meu pai? Essa teologia plural aprendeu que Deus muda como o fogo quando misturado com fragrâncias e é nomeado segundo o perfume de cada uma. Teologia como transteologia. Mesmo porque, como explica Krishna a Aryuna, qualquer que seja o nome pelo qual me chamares, sou eu quem responderá. Dizendo de uma vez, não

estou pensando em nenhuma teologia encrática que, pretendendo ser o último significado, corre sempre o risco de se transformar em monstro”³.

Faço teologia pública, do tipo bem ensaiado pelos colunistas acima ou então desenvolvido pelo livro *Escritores, gatos e teologia*, do Waldecy Tenório, de onde veio esta última citação, ou ainda no debate entre Zizek e Milbank n’A monstruosidade de Cristo, por onde se esboça um resgate da espiritualidade para reanimar a política moderna. Em companhias assim, ultrapassamos o lema “fora da Igreja não há salvação” e passamos pelo “só Jesus salva”, para chegar, quem sabe, agora, à proposição inclusiva que pode transformar a saudade do nosso particular “Jardim do Éden” em uma esperança para toda gente: o gesto amoroso, que encarne historicamente justiça e gentileza, que exercite o descentramento de si e a comoção com o desejo do outro, traz sempre saúde, salvação – é espiritual e transcendente, mesmo que seja o cuidado com uma florzinha! Toda “Carne” se vincula e toda matéria pode transparecer Espírito quando se relaciona amorosamente e ajuda a ajardinar esse mundo.

Os povos e a terra inteira estamos ligados pela mesma origem em um quase-nada-caótico, de sorte que juntos é que devemos encarar nossa comum missão de salvar a vida, de espiritualizar o mundo, torná-lo mais consciente do – e conseqüente com o – Espírito, o mistério vital do processo cósmico, entre a gente. “Fora da caridade não há salvação”. É inconcebível, pois, que um só povo ou religião ou igreja, um só sexo ou “raça” ou classe sejam a luz do mundo. Todos somos luz e treva, em comunitária e mística evolução, pelo carinho e pela misericórdia que religam, em outros níveis, mesmo os aparentemente contrários.

Já dizia Teilhard de Chardin, em *O Crístico*: “... As crises do nosso tempo estão desafiando as religiões do mundo a lançar uma nova força espiritual que transcende a fronteiras religiosas, culturais e nacionais para uma nova consciência da unicidade da comunidade humana e, assim, pondo em prática uma dinâmica espiritual em direção às soluções do problema mundial. (...) Reafirmamos uma nova espiritualidade, despojada de insularidade e dirigida a uma consciência planetária”.

Estamos entrando em uma nova era de consciência global, à qual deve corresponder uma espiritualidade mais integral, plural e dialogal. Os novos tempos ensejam a passagem da

³ TENÓRIO, W. *Escritores, gatos e teologia*. Cotia: Ateliê Editorial, 2014, p. 36s.

“religião do indivíduo e seu clã em busca da intervenção dos céus” para uma “religiosidade da humanidade e da Terra”, em que o mistério da vida transparece entre-nós, despertando místicas de apreço e cuidado com os outros, engendrando valores novos e novas formas de expressão dos valores tradicionais. Muitos pesquisadores, já entre a gente, procuram estudar essa transformação cultural e se envolver, transdisciplinarmente na construção da espiritualidade trans-religiosa que o espírito do tempo requer, em favor da coexistência dos grupos humanos e da sua fina harmonia com o planeta. Chega o momento de somar forças e multiplicar os esforços acadêmicos e políticos em uma rede de promoção da diversidade e do diálogo – inclusive como antídoto para os fundamentalismos simbólicos que levantam bandeiras identitárias e comunitaristas em meio à crise de mudança e desenvolvimento social.

A religião, como pedagogia para uma mística da relação e do diálogo, está entre a educação e o amor, podendo colaborar para a ampliação da nossa ótica sobre a realidade e, em decorrência, para as fronteiras da nossa ética. A gente cuida amorosamente daquilo que reconhece como relacionado, envolvido. Essa consciência dialogal do religioso tem a ver com a idade da mundialização. Talvez já estejamos vivendo hoje, como defende Edgar Morin, uma espécie de quarta idade da humanidade. A primeira teria sido o começo da humanização, há alguns milhões de anos. A emergência do homo sapiens, com o aparecimento da linguagem e das culturas, teria sido a segunda. A terceira coincide com o nascimento da história e o aparecimento das grandes cidades e do Estado.

Nós estaríamos na idade de um quarto nascimento do homem e seria o começo de uma civilização mundial, de uma comunidade mundial de nações, de uma rede de grandes cidades. E dentro dessa imensa família humana conectada e atenta ao seu futuro incerto, os membros das diversas religiões sabem cada vez mais que os elementos que os unem são mais importantes do que os que os separam, que a revelação que uma religião descobriu foi por causa das outras e para as outras, e mesmo se a maior parte reivindica certa pretensão de absoluto e de universal, tem a consciência muito mais viva de sua relatividade histórica.

Nesse contexto de mundialização e de estreita interdependência de todas as partes do mundo, as culturas se entrecruzam e os homens interrogam-se com angústia sobre o futuro da humanidade. Graças às conquistas prodigiosas da ciência e da tecnologia, o domínio humano tornou-se praticamente sem limites e pela primeira vez na história sabemos que

a sobrevivência da espécie humana depende da sabedoria e da boa vontade de todos nós. Assim, em vez de procurar seu interesse próprio e defender a qualquer custo suas particularidades, as pessoas descobrem a responsabilidade de seu serviço à humanidade e ao meio ambiente que nos é comum. Porém, esse processo inclui também o seu avesso, é contraditório.

2. Da educação para uma nova ótica.

Carecemos de um ethos planetário, como nos lembrou Hans Kung em *Ética mundial*, e as religiões não podem ignorar as aspirações legítimas da consciência em matéria do verdadeiramente humano: elas devem estar prontas a reinterpretar suas tradições. Mas, ao mesmo tempo, as éticas mais racionais não podem negligenciar as lições de sabedoria sobre a vida de que as tradições religiosas foram sempre portadoras. Afinal, a laicidade dos nossos tempos denota uma posição de neutralidade e isenção filosófica e política perante a religião, que se traduz em respeito por todos os credos e inclusive pela ausência deles - em atitudes agnósticas que não deixam de manifestar alguma fé antropológica.

Além disso, está emergindo um novo modelo de ciência, uma nova lógica de conhecimento que aponta para a coexistência entre contraditórios e, com isso, podemos compreender mais amplamente a realidade, superando o princípio de identidade e contradição pelo de complexidade, percebendo que, em outros níveis da vida, verdades contrapostas podem se explicar ou conviver – e ateus e religiosos e crentes antagônicos podem se religar em uma fé que se faz ato e permite o acesso ao verdadeiro “sagrado”, que está entre e para além das religiões e cuja mística remete ao mistério de todas as coisas e não apenas das consideradas religiosas.

As religiões, quando bem entendidas e conectadas com os seus fundamentos e fundadores, fazem variações pedagógicas para uma experiência de descentramento e busca de religação com a transcendência, de reverência pelo mistério da realidade, o que ajuda na formação de pessoas e comunidades saudáveis. Nesse sentido, devemos nos perguntar o que podemos fazer, então, no sentido de terapeutizar as religiões por aí e ajudar para que elas eduquem em mutirão os novos cidadãos do mundo, que nem gente.

Estou convencido de que o problema maior do diálogo entre os saberes, entre ciência e fé, entre uma religião e outra também, está nos seus pressupostos filosóficos – e daí a necessidade de terapeutização das religiões e de reeducação das ciências em nosso tempo.

Mais precisamente, a questão reside na lógica da identidade, que inviabiliza toda compreensão alterativa e plural no entendimento da salvação: ou você está na minha igreja e aceita o meu salvador ou está condenado, por exemplo; ou você reconhece a verdade científica e descarta os mitos ou está atrasado, por outro lado.

A física quântica, enquanto novo paradigma de ciência, que gerou um modelo emergente em filosofia do conhecimento, no entanto, mostra, conforme Basarab Nicolescu em *Nous, la particule et le monde*, a “coexistência entre pares de contraditórios mutuamente exclusivos”. O novo paradigma de conhecimento, complexo e transdisciplinar, gerou a lógica do terceiro incluído que, debruçada por si sobre o fenômeno das religiões e as contradições que surgem do seu pluralismo, sobre o drama da oposição entre a sapiência pré-moderna e a ciência moderna, remete à busca de um outro nível de realidade, àquela ética do amor.

Não é exatamente sobre a religião que se deve dialogar no diálogo inter-religioso – e nem mesmo diretamente sobre Deus – mas sobre o projeto divino em vista de fazer deste mundo um paraíso amoroso. Nem é sobre a verdade o problema da relação entre razão e fé, mas sobre a tarefa de todo conhecimento de nos religar com o mistério. Somente mudando o “nível da realidade”, passando da dimensão teórico-doutrinal para a da práxis ética e/ou do silêncio espiritual, é que o diálogo entre religiões é possível. Somente ultrapassando a própria experiência da verdade e buscando o mistério que se esconde no humano e cósmico – e nos reúne a todos de maneira sagrada – é que um conhecimento pode dialogar com outro. Essa busca engendra uma espiritualidade trans-religiosa – em diálogo com a ciência transdisciplinar.

Ainda encontramos representantes de religiões que rejeitam membros de outras como se tivessem pouco valor, e que pregam o fanatismo e a intolerância em vez de respeito e entendimento. Contudo, nas grandes religiões antigas e tradições éticas da humanidade, temos o ensinamento da compaixão e a exigência de que todos se sacrifiquem em defesa do direito de todos os seres humanos à verdade. Todos têm direito à informação e à educação, para que estejam aptos a tomar as decisões sobre o sentido das suas crenças, ritos e interditos, têm direito a uma fé esclarecida.

E sem uma orientação fundamental acerca de valores e sentidos, dificilmente as novas gerações poderão distinguir o importante do insignificante, na torrente diária de informações que nos chegam. Nossos filhos precisam conhecer o núcleo ético-mítico da

sua cultura, mas também de outras culturas, para poderem discernir com maior liberdade. Isso implica na mudança do próprio conceito religioso de missão: ao invés de converter o mundo e implantar a minha Igreja, ajudar na disponibilização das mensagens de todas as tradições espirituais, para quem delas necessite em seu processo de educação (e transcendência) humana e humanizante, favorecendo assim a compreensão e a paz entre os povos.

Porque a sociedade contemporânea, chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, contudo, também cria, paradoxalmente, como declarou Hugo Assmann em *Reencantar a educação*, cada vez mais solidão entre as pessoas, isolamento entre as maneiras de se compreender e fechamento entre as culturas. Aqui começam as contradições: a Internet pode nos conectar com milhões de pessoas sem precisarmos encontrar alguém. Você pode comprar, pagar as contas, trabalhar, pedir comida ou até fazer caridade, sem falar com ninguém. Para conhecer países, visitar museus, não precisamos mais sair de casa.

Tudo nos chega on-line. Namora-se hoje pela Rede, onde podemos dar vazão ao narcisismo metrosexual – ou, quando menos, ubisexual (estilo de vida em que se busca refinamento cultural e se cuida da cabeça, além do cabelo; mas apenas da própria cabeça, para poder se mostrar diferenciado e atraente). Amizade, então, para a menina, é possuir e ficar (mas por “um tempo” programado) com esses bichinhos em versões digitais. Para a moçada, fraternidade, no máximo, é a vida nesses big-brothers, onde se estandardiza a vida pessoal – e se cultua o egoísmo – de um jeito que nem Orwell sonharia. Decoramos as casas com flores de plástico, as vidas com bonecas de borracha.

A relação com a realidade concreta, com seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições é medida pela imagem virtual, que é somente imagem (mas estamos evoluindo: dizem que agora os computadores e tvs vão soltar cheiros também – que é para não resistirmos à memória ancestral da carne assada, no comercial da churrascaria). O pé não sente mais o macio da grama verde. A mão não pega mais um punhado de terra escura. O cemitério Morada da Paz enterra o nosso parente – devidamente maquiado, para não parecer morto – e transmite pela webcam para assistirmos no computador – e recomendarmos o espetáculo no Facebook.

Tudo vira espetáculo. Em *Saber cuidar*, Leonardo Boff reclamava que não se pensa mais na morte, nos limites da vida, para vivê-la com sabedoria. A morte parece virtual nesse

“game” da vida hoje, onde importa é ganhar: namorada, nota, diploma, mesada, fama, centenas de “amigos” na Rede. Vida para além desta? (“Existe vida *antes* da morte?!” – já foi ironicamente pixado nos muros de uma metrópole). Mas há quem pense na hipótese: Hans Moravec, especialista em robótica, planejou libertar a mente humana da servidão do corpo material transportando-a para os bits dos computadores e daí para o mundo interconectado da Rede. Sonho de uma ciberimortalidade ensimesmada!

O mundo virtual contemporâneo criou esse novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano. Há quem clame por mais ética, mas ninguém parece disposto a refletir sobre – e mudar mesmo – o jeito costumeiro da gente viver: secretamente, todos queremos é poder gastar mais e pronto – ainda que às custas da dominação e desgaste dos outros e do meio. Esse ethos da mesmidade é um desafio a qualquer ética. Do ponto de vista teológico – e nisso todas as religiões convergem – o fundamento de toda ética é a alteridade.

3. Do cuidado amoroso como ética.

O valor supremo que se deve respeitar é o poder criador que nos antecede e ultrapassa. O Divino é anterior e exterior aos nossos projetos, que serão tanto mais humanos quanto mais encarnarem os sonhos sagrados desse Grande Outro – que se nos revelam pelos clamores dos mais outros na história: o mais pobre para o rico, o mais negro para o branco, o mais feminino para o macho, o mais criança ou velho para o adulto produtivo, o mais ecológico para o sistema tecnológico. Mas nem precisaríamos apelar para esse nível de revelação explícita.

Para superarmos a ética prática da mesmidade e dominação, rumo a uma ética do cuidado e solidariedade, carecemos apenas de uma nova ótica sobre o conhecimento e a realidade. Aqui entra o papel da ciência e da universidade, da escola formal e da educação popular, como defende Pedro Demo em *Conhecimento moderno*. Podemos ajudar a pensar em novos valores, na medida em que seduzirmos os nossos estudantes para uma sapiência que inclua os corpos – e todos os seus sentidos – dos pesquisadores – e dos aprendizes também – no processo de conhecimento: não apenas para controlar fenômenos, mas para salvar os fenômenos da natureza e da cultura.

Precisamos de uma nova ótica científica, que não separe os nossos corpos e subjetividades dos nossos objetos de conhecimento e de ensino, que inclua nas pesquisas também aquilo

que falta aos corpos para que tenham vida: sopro, espírito, relacionamento. Em suma, é muito difícil ética sem mito e mística, sem reverência pelo mistério que o real esconde, sem envolvimento com todos os sentidos dos nossos corpos – inclusive a sua dinâmica poética e espiritual. Sem um pouco de fé e amor, nada tem lá muito valor e nem é possível defender muitos valores.

Muita gente acha que a palavra amor não cabe em um currículo acadêmico, que esse negócio de organizar conteúdos cada vez através de uma metodologia de projetos de pesquisa não é disciplinado. Continuo lutando, dentro do possível e forçando o impossível, para que o nosso trabalho como professores tenha menos temas e mais método, menos conteúdo e mais mística de pesquisa. A gente nem precisaria de uma disciplina de ética, se todas as disciplinas levassem a uma abertura apaixonada para o mistério da realidade – o que ampliaria as relações do nosso ego e as dimensões do nosso cuidado, a nossa ética! A gente nem precisaria de Ensino Religioso, também, se toda ciência tivesse abertura para a mística.

Não quero parecer piegas por ser teólogo, mas acho que não podemos fundamentar plenamente a fraternidade em meio às diferenças humanas, por exemplo, se não nos abrimos a um poder mater-paternal que nos criou e sustenta. Não podemos defender a integridade ecológica da natureza, também, se não a percebemos mergulhada no mistério da criação. Mistério não equivale a enigma que, decifrado, desaparece. Mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade, e que possui um caráter definitivamente indecifrável. Um educador místico, pois, é aquele que pesquisa e ensina a pesquisar a realidade com reverência à sua dimensão de mistério. Mais: é o professor que se aproxima e se relaciona com colegas e com cada estudante, respeitando o mistério vivo e pessoal de cada um.

Pertence ao mistério ser conhecido. Mas pertence também ao mistério continuar mistério no conhecimento. Em razão desta constatação não podemos absolutizar nossos saberes e disciplinas científicas, pois a razão instrumental não desnuda todas as dimensões da realidade, apenas aquelas que entram no diálogo experimental com a natureza. Ainda assim este diálogo nunca termina. Há também outras formas de diálogo, pois as várias culturas desenvolveram outras formas de conhecimento, seja pelos sonhos, pela intuição, pelos mitos e símbolos, pela reflexão religiosa e filosófica. Algo sempre escapa à nossa observação e devemos respeitar, transdisciplinarmente, o que há entre e para além de

todas as disciplinas. Como é que integramos as experiências da meninada e os conhecimentos populares em nosso ensino-aprendizagem? Quais os afetos que proporcionamos em nosso ambiente de estudo? Disso resulta a mística do professor – e a promoção da ética que ele pode despertar.

O órgão para captar o mistério da existência é o coração e aquilo que Pascal chamou de espírito de fineza. É uma atitude de simpatia fundamental, uma capacidade básica de sentir os outros em sua situação concreta. Pelo espírito de fineza nos descobrimos a nós mesmos como vulneráveis. Somos afetados pelos outros e podemos afetá-los, despojando-nos do cálculo, do interesse e da vontade de poder. Esta compreensão é existencial e é vivida por todos. Mesmo sábios e cientistas como Niels Bohr, Werner Heisenberg, Max Planck, David Bohm e Albert Einstein, entre outros, testemunham a experiência do mistério.

Em seu ensaio Como vejo o mundo, escrevia Einstein: “O mistério da vida me causa a mais forte emoção. É este sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece esta sensação do mistério ou não pode mais experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos cegaram. Aureolada de temor é a realidade secreta do mistério que constitui também a religião”. Einstein considera a percepção do mistério fundamental para o cientista criador, porque lhe permite ficar sensível àquelas dimensões não captadas pelas fórmulas científicas e conservar sempre a humildade de aprender.

O mistério está sempre ligado à paixão, ao entusiasmo e às grandes emoções, numa palavra, ao movimento mais profundo e maior da vida. Daí pode surgir a reverência mística, raiz de toda ética. Com todos os desafios éticos que surgem de fora e de dentro da escola e da universidade, creio que precisamos, fundamentalmente, manter uma abertura curiosa à realidade, desenvolver uma sensibilidade em face dos limites do nosso conhecimento, mostrar uma disposição permanente de aprender de qualquer fonte de saber e das várias tradições culturais e nutrir uma veneração humilde e entusiasta em face do fascínio do real que escapa sempre às nossas representações, mas que continuamente também as alimenta.

Precisamos lembrar que educar é ensinar e aprender uma determinada linguagem, uma maneira de se relacionar com o mundo e com as pessoas. E que um educador místico ou a mística da educação tem percepção e relação com o mistério que o mundo e as pessoas

deixam transparecer. Deriva-se disso a fé no poder transformador da palavra criativa, da palavra capaz de recriar a realidade pela invocação da misteriosa ausência daquilo que falta à matéria, ao corpo: o Espírito que paira sobre as águas revoltas do mundo, desejo que o invoquemos com “sentimento oceânico”! A finalidade da educação, portanto, não pode ser a mera transmissão de conhecimentos ou a preparação para um futuro distante e incerto. A educação visa em primeiro lugar ajudar os estudantes a redescobrirem a alegria de viver que nós mesmos já perdemos, por vezes, o que nos torna pessoas acomodadas, alienadas ou domesticadas. Não há melhor disciplina para nossos estudantes do que o prazer de viver e o desejo de aprender a viver com prazer.

4. Da religião à mística.

O professor recupera a sua mística quando deixa de ser um profissional, um funcionário da instituição – por mais religiosa que seja. A saída e o desafio é acordar o educador que existe em cada professor, auxiliando-o a recuperar seus sonhos e, com isso, restaurar o poder criativo de sua palavra. É um trabalho não tanto de cientista como de mágico ou feiticeiro, como pregava Rubem Alves em Poesia, profecia e magia. A recuperação da verdadeira fala não é apenas uma questão do intelecto, mas passa pelo corpo do educador – de onde deve renascer um novo espírito, como de criança, capaz de se encantar e, portanto, de crer. É praticamente impossível formar professores que transpirem ética, assim, somente com currículos melhores. Há um ingrediente nesta formação que não pode ser quantificado ou repassado como conteúdo: são as razões do coração, é o amor.

A educação mais mística, no sentido mais profundo da palavra, é, paradoxalmente, aquela que promove um encontro da pessoa com o seu mundo e com o seu próprio corpo, suas necessidades e desejos. Isso vale tanto para o aluno como para o professor. Eles não são nem máquinas nem apenas cabeças, mas corpos que sentem, que sonham e que pensam. Somente resgatando isso na gente, a educação será mais ética e promotora da ética. Uma escola sem mística é aquela que reduz tanto o professor e o aluno a coisas, a seres alienados de sua verdadeira natureza humana de criadores de mundos e de valores – de mundos que tenham valor.

As religiões podem colaborar para essa reeducação das nossas escolas e universidades, para uma nova pedagogia nos espaços públicos? Depende de para onde caminham as tradições espirituais nessa era de crise. Cada pessoa vai organizar a sua religiosidade em um cenário multiforme, com menos doutrinas e mais experiências emotivas? Cada

religião vai reforçar sua ortodoxia e lutar por espaço político, defendendo o moralismo sob influência de potências culturais mundiais? As religiões e espiritualidades vão disputar o mercado cultural na televisão e na internet, apelando mesmo para mensagens apocalípticas? Todas as religiões vão convergir para uma espiritualidade ecológica e de nova consciência global?

Em tempos de modernidade globalizada, com grandes possibilidades tecnológicas e enormes dificuldades de relações entre grupos humanos e destes com a natureza, as pessoas tendem a ficar mais egoístas, no sentido de ouvir mais a própria intuição. Paradoxalmente, isso leva à busca por uma espiritualidade maior e uma melhor compreensão do significado da vida, o que pode inclusive redefinir e ampliar os nossos limites éticos. Mas, enfim, para onde vão as religiões? Esperamos que sigam na direção de uma mística trans-religiosa comum. Pois, afinal, todos os templos apontam para o céu: se ficarmos apenas olhando os templos, perderemos o céu estrelado e o seu além!

Um dos espaços públicos privilegiados para o desenvolvimento dessa mística trans-religiosa é o do Ensino Religioso. Longe de se embasar no ensino de uma religião ou das religiões na escola, o Ensino Religioso em nosso Estado laico se justifica pela necessidade de formação de cidadãos críticos e responsáveis, capazes de discernir a dinâmica dos fatos religiosos que permeiam a vida em âmbito pessoal, nacional e mundial. As diferentes crenças e expressões religiosas, bem como a ausência delas por convicções filosóficas, são aspectos da realidade que devem ser socializados e abordados como questões socioculturais, que contribuem na fundamentação das nossas ações. O Ensino Religioso deve tratar pedagogicamente das atitudes de abertura e cuidado para além de si, que existem entre e para além de todas as tradições religiosas, deve resgatar os valores humanos que as espiritualidades podem trazer para a educação dos nossos filhos. Trata-se, então, de comparar criticamente e interpretar os fatos religiosos nos seus contextos históricos, para que as novas gerações possam decidir com mais liberdade sobre essa dimensão de transcendência na vida.

5. Espiritualidade trans-religiosa no espaço público.

Porque religião não se ensina propriamente na escola e sim nos ritos dos grupos religiosos, mas se pode e deve refletir no ambiente escolar sobre o fenômeno humano de abertura para a transcendência, em busca de interpretações mais universais e significados mais profundos para o que é experimentado como sagrado em cada cultura. Todas as pessoas

têm direito ao esclarecimento das crenças da humanidade e para isso o Ensino Religioso deve avaliar as notícias religiosas em seus contextos, estudando as religiões como questão e não como dado. O Ensino Religioso, compreendido como campo de aplicação pedagógica da área de conhecimento das Ciências da Religião, numa visão transdisciplinar, não objetiva transpor conteúdos enciclopédicos e muito menos doutrinários para um ensino catequético, mas o desenvolvimento de processos de aprendizagem participativos, de construção de conhecimentos através de projetos de pesquisa, em conexão com as pautas de estudo e engajamento dos cientistas da religião.

Então, o Ensino Religioso deve refletir sobre as experiências humanas de transcendência, através de eixos curriculares como culturas e tradições, textos sagrados e teologias, ritos e ética das tradições espirituais. Mas, sobretudo, o educador precisa compreender e se envolver com a situação social e religiosa dos educandos a fim de construir com eles conteúdos programáticos contextuais para o Ensino Religioso. O docente precisa interagir com o contexto concreto das religiões na vida dos educandos, o que inclui vivências contraditórias e aspectos desumanizadores e opressivos, para promover uma tomada de consciência desmistificadora das religiões. As práticas religiosas podem nos libertar do egoísmo ensimesmado, mas por vezes as religiões precisam se emancipar de degenerações neuróticas e alienantes. O Ensino Religioso, assim, deve promover uma ação educativa esperançosa, em que o anúncio e a utopia desempenham um papel também reconstrutivo e transformador das religiões.

Hoje o mundo está sendo abalado por notícias de um fundamentalismo que se diz islâmico. Mas não devemos esquecer que o termo fundamentalismo surgiu entre cristãos norte-americanos, que no começo do século XX criaram um movimento político-teológico para combater os outros cristãos, liberais, que praticam uma interpretação informada da Bíblia e aceitam as causas modernas do feminismo e do socialismo. Assistimos ao crescimento de comunitarismos fundamentalistas agora em várias religiões e em todas as igrejas, também no Brasil, onde certos grupos e lideranças exercitam uma leitura pretensamente literal de textos sagrados para revestir um projeto conservador de dominação político-cultural.

Aí se opõe, no dizer do Matthew Fox, em Pecados do espírito, um “Deus” pai sério e punitivo a uma divindade amorosa de justiça e compaixão; uma igreja exclusivista, rígida e hierárquica, a movimentos ecumênicos em favor da terra eco-consciente; manifesta-se

um apego teológico ao pecado original, contra uma espiritualidade da criação e sua compreensão de bênção original; prega-se a intolerância ao estrangeiro e ao “estranho” moral, contra o abraço ao feminino e aos outros gêneros; o medo da ciência, enfim, ao invés do incentivo à sapiência. São discursos que hostilizam em especial as telúricas religiões indígenas e afro-negro-brasileiras, consideradas idólatras. Contra eles devemos invocar a laicidade: o Estado brasileiro é laico e pluralista, acolhe todas as religiões sem aderir a nenhuma. Não é lícito que uma religião imponha à nação seus pontos de vista e não podemos deixar os espaços públicos republicanos ser ostensivamente ocupados e controlados por quaisquer comunitarismos ou igrejas. Uma autoridade pode ter convicções religiosas e filosóficas, mas não é por elas, mas pelas leis e pelo espírito democrático que deve governar.

Cabe ao Ensino Religioso, justamente, esclarecer esses descaminhos da vivência espiritual e aquelas tentativas de controle do domínio público por igrejas, através da desconstrução histórica dos extremismos fundamentalistas e pela conscientização do fenômeno religioso genuíno. A experiência religiosa é sempre uma busca humana frente à morte, às limitações e aos conflitos que nos rondam. É busca e projeção de transcendência que, quem alcança, interpreta como manifestação poderosa e mais-que-humana de sentido, de uma outra realidade, que se tenta comunicar por símbolos, narrativas mitológicas, rituais litúrgicos, com consequências éticas e interditos morais. Fundada no respeito a esse poder criador que nos antecede e ultrapassa, a experiência religiosa, nas suas diversas formas históricas, é uma aposta na possibilidade de vida fraterna com os outros e com o cosmos.

Esperamos firmemente, então, ainda que mais não seja, pelo direito de uma atriz ensaiar a mais fina cristologia na Avenida Paulista, que avance o processo de reeducação das religiões e de educação social pela espiritualidade, que o Ensino Religioso se consolide para promoção do direito a esse esclarecimento das tradições de fé e convicções humanas, em prol da liberdade religiosa e de uma sociedade profundamente democrática, protegida pelo Estado laico. Porque, enfim, religião pode ser antídoto para a loucura de existir, como lembrou Guimarães Rosa: “O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara loucura... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas, bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue”.

QUESTÕES:

Será que as religiões precisam se educar mais?

- Aplicando à coexistência com as outras crenças o processo dialógico que solicitam entre as culturas, aplicando às suas próprias instituições e movimentos os processos libertários e democráticos que pregam para a sociedade?!
- Relendo em diálogo com as ciências da evolução e da complexidade os seus pressupostos antropológicos, para além da compreensão de “natureza humana”?

Será que as correntes pedagógicas precisam se espiritualizar ao menos um pouco?

- Encontrando na mística trans-religiosa um terceiro elemento (operador cognitivo) para incluir entre a ótica do conhecimento e a práxis ética?!
- Procurando em aprendizagens não-religiosas sobre o conhecimento espiritual (Ensino Religioso) um dinamismo místico para repensar os valores da educação?!

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. Poesia, profecia e magia. Rio de Janeiro: CEDI, 1983.

ARAGÃO, Gilbraz. A Igreja na cidade pós-moderna. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP, Recife, ano II, número especial (jan. 2003): 181-233.

ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHARDIN, Teilhard. Je m'explique. Paris: Le Seuil, 2005.

DEMO, Pedro. Conhecimento moderno. Petrópolis: Vozes, 1997.

EINSTEIN, Albert. Como vejo o mundo. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.

FOX, Matthew. Pecados do Espírito, bênçãos da Carne. São Paulo: Verus, 2004.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NICOLESCU, Basarab. Nous, la particule et le monde. Paris: Éditions du Rocher, 2002.

ROSA, João G. Grande sertão, veredas. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

ZIZEK, Slavoj. e MILBANK, John. A monstruosidade de Cristo. São Paulo: Três Estrelas, 2014.